Capítulo I — Evangelização apostólica do globo em geral

> **Sumário.** A Tradição. — Autoridade da Tradição. — Sentido destas palavras: Evangelização apostólica. — O estabelecimento divino do cristianismo constatado por dois milagres.

Como os dois grandes fatos que temos de constatar repousam essencialmente sobre a tradição, é necessário, antes de tudo, mostrar a solidez dessa base; daí as proposições seguintes.

1º A tradição é a transmissão pela palavra, de uma geração a outra, das coisas presentes ou passadas.

2º Como só se escreve o que é falado, sempre e em toda parte a palavra precede a escritura. Segue-se que a tradição é a mãe da escritura ou da história, e que a filha não é mais digna de crédito que a mãe.

3º Como a escritura, a tradição é, pois, uma fonte de verdade. Na vida do gênero humano nem tudo está escrito. Por exemplo: ao lado dos livros do Antigo Testamento, a sinagoga tinha suas tradições. Dá-se o mesmo na Igreja, e ainda em todos os povos.

4º Quando a tradição é antiga, constante, universal, é o órgão certo da verdade; e, na ordem religiosa em particular, exige o mesmo respeito que a Sagrada Escritura.[1] Em matéria de história sagrada ou profana, aliás, nada conhecemos senão pela tradição, pois a própria história não é mais que a tradição escrita. Ora, se a tradição é tida por infalível quando fala da história profana, por que não o seria quando depõe sobre fatos evangélicos? É a questão de santo Agostinho.

> *Só conhecemos, diz ele, os verdadeiros autores dos livros pagãos pelo consentimento e pelos testemunhos dos que viveram antes de nós. Assim, só sabemos que os livros atribuídos a Platão, a Aristóteles, a Cícero são desses filósofos pelos testemunhos contínuos dos que nos precederam. Se, pois, em tudo o mais a tradição é um caminho segurísimo, por que não o seria igualmente para assegurar ao católico a autenticidade de um livro ou de um fato?*[2]

5º A água mais pura é sempre a mais próxima da fonte. Assim, quanto mais antiga é uma tradição, mais merece confiança. Em todas as coisas, a verdade é a primeira. O erro, isto é, a alteração da verdade, só vem e só pode vir depois.

6º Quando uma tradição particular em nada é contrária a uma tradição geral, deve ser admitida com uma confiança proporcionada aos seus caracteres mais ou menos marcados de antiguidade, constância e extensão.

7º *«As tradições relativas às coisas eclesiásticas, diz são Jerônimo, as que sobretudo não se afastam da fé, devem ser guardadas tais como vieram dos antigos.»*

«É a tradição, acrescenta são João Crisóstomo; não busqueis mais.»

> *De uma multidão de práticas, continua Tertuliano, se procurardes a lei nas Escrituras, não a achareis. A tradição as ensina, o costume as firma, a fé as observa. Ou achareis vós mesmos a razão que justifica a tradição, o costume e a fé, ou outros vo-la ensinarão.*[3]

8º As tradições particulares, apoiadas nos monumentos das igrejas — cartas, diplomas, missais, breviários, martirológios —, oferecem todas as condições desejáveis de certeza. Rejeitá-las seria acusar de ignorância ou de embuste os que as admitiram e transmitiram; seria, além disso, faltar às regras elementares da sã crítica. A primeira é que não se deve negar um fato por ser extraordinário, ou mesmo inverossímil, mas somente por estar mal provado. A segunda, que não se é admitido a atacar um fato que está, há séculos, de posse da fé comum dos homens competentes, a menos que se apresentem, o que jamais aconteceu, provas peremptórias de falsidade.

9º Isto se diz das tradições das igrejas particulares. Quanto às da Igreja de Roma, gozam de um caráter de certeza ainda mais marcado: vivem sob os olhos dos Sumos Pontífices, guardiães escrupulosos da verdade. Quem ousaria acusá-los de se fazerem cúmplices da mentira ou do erro, deixando perpetuar-se crenças desprovidas de fundamento? Que digo? Roma guarda com amor os monumentos que as imortalizam. Somente, mestra consciente da verdade, não as impõe como artigos obrigatórios da fé; não as usa para basear suas decisões dogmáticas.

Mas também, Rainha imortal dos séculos, não quer que se lancem ao passado insultos temerários. Enfim, mãe cheia de bondade, longe de entravar, nos laços de uma crítica estreita, pretensiosa e muitas vezes ignorante e apaixonada, os passos de seus filhos, dá-lhes toda a espécie de latitude, proclamando por sua conduta, ainda mais que por suas palavras, a verdadeira regra da sã crítica: *in necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas* — no necessário, unidade; no duvidoso, liberdade; em tudo, caridade.[4]

Recordados esses princípios sobre a natureza e a autoridade da tradição, resta explicar o sentido destas palavras: Evangelização apostólica do globo em geral.

Por evangelização apostólica do globo entendemos a fundação das igrejas em todas as partes do universo pelos apóstolos em pessoa, ajudados pelos companheiros de seu apostolado. A própria palavra fundação não quer dizer que tenham dado a todas as cristandades nascentes a forma regular e completa que revestiram no decurso dos tempos. Significa que os apóstolos anunciaram Jesus Cristo a todos os povos da terra e criaram por toda parte famílias cristãs, tornadas mais tarde igrejas.

Ora, dois milagres, brilhantes como o sol, deviam assinalar a pregação do Evangelho. Ambos eram necessários para fazer resplandecer, com um brilho deslumbrante, a divindade d'Aquele a quem foi dado todo o poder no céu e na terra. O primeiro é o triunfo do cristianismo sobre o paganismo; da fraqueza sobre a força; das vítimas sobre os algozes: esse milagre é conhecido de todos.

O segundo, maior talvez, ainda que muito menos notado, é a rapidez desse triunfo. A Roma pagã levou setecentos anos para fundar o seu império, e esse império jamais foi tão extenso quanto o do cristianismo. Tanta lentidão não podia convir Àquele que opera o que quer falando. Luz do mundo moral, o Evangelho devia espalhar-se com uma rapidez análoga à da luz que ilumina o mundo físico.

Não são vãos tais pensamentos: escutemos os oráculos divinos e as afirmações da história.

Notas

[1] *Ecclesia omnes libros tam veteris quam novi Testamenti, cum utriusque unus Deus sit auctor, nec non traditiones ipsas, tum ad fidem, tum ad mores pertinentes, tanquam vel ore tenus a Christo, vel a Spiritu sancto dictatas, et continua successione in ecclesia catholica conservatas, pari pietatis affectu ac reverentia suscipit, et veneratur.* — «A Igreja recebe e venera, com igual afeto de piedade e reverência, todos os livros tanto do Antigo como do Novo Testamento, pois um só Deus é autor de ambos, e também as próprias tradições, relativas à fé e aos costumes, como ditadas ou pelo próprio Cristo de viva voz, ou pelo Espírito Santo, e conservadas por contínua sucessão na Igreja católica.» Conc. de Trento, sess. IV.

[2] *Augustinus contra Faustum manichaeum argumentatur: In libris Ethnicorum, non alia ratione magis novimus veros auctores, quam ex communi consensu et testimoniis eorum qui fuerunt ante nos. Unde non Platonis, Aristotelis, Ciceronis libros novimus, nisi ex eorum qui nos aetate praecesserunt continuis testimoniis. Si ergo in caeteris haec via tutissima est, cur non et viro catholico ad cognoscendum libri auctorem?* Melchior Cano, *De Locis theologicis*, liv. II, t. VII.

[3] *Traditiones ecclesiasticas, praesertim quae fidei non officiunt, ita observandas, ut majoribus traditae sunt.* Epíst. 117 *ad Lucium* [são Jerônimo]. — *Traditio est, non quaeras amplius.* S. Crisóstomo, Hom. V, sobre o c. II da II Epíst. aos Tessalonicenses. — *Harum et aliarum hujusmodi disciplinarum, si legem expostules scripturarum, nullam invenies. Traditio tibi protenditur auctrix, consuetudo confirmatrix, et fides observatrix. Rationem traditioni, consuetudini, fidei patrocinaturam, aut ipse perspicies, aut ab aliquo qui perspexerit disces.* Tertuliano, *De corona militis*, c. IV.

[4] N. do T.: A sentença *in necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas* («no necessário, unidade; no duvidoso, liberdade; em tudo, caridade») costuma ser citada como de santo Agostinho, mas essa atribuição não se sustenta. Recomendamos ao leitor a leitura do artigo «Um apócrifo irenista atribuído a Santo Agostinho», que discute a origem da frase: https://orecolhedor.com/um-apocrifo-irenista-atribuido-a-santo-agostinho/. Recomendamos também o vídeo «A Frase Apócrifa que Santo Agostinho NÃO disse! Unidade, Liberdade e [muita] Caridade»: https://www.youtube.com/watch?v=I6G5DKMJFq8.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:15 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin